

ANTES DE TUDO, AS DESCULPAS! No processo de fechamento da edição anterior ("Endocrinologia Pediátrica") acabei truncando a versão definitiva do meu editorial. Infelizmente a falha foi lamentável. Deixei de fora os agradecimentos aos editores-convidados daquela edição especial, nosso caríssimo Luiz de Lacerda Filho e sua co-editora, Dra. Margaret Boguszewski, e todos os que nela contribuíram. Meu desconsolo só não foi maior porque foi atenuado, neste meio tempo, pelo recebimento, por parte de vários leitores, de elogios e cumprimentos efusivos pela qualidade do material encomendado e selecionado pelos editores. Assim, junto-me aos colegas para cumprimentar e agradecer entusiasticamente ao Lacerda, à Margaret e a todos os colaboradores daquela edição, pelo seu tempo, disposição e pela qualidade do seu material.

Outra falha, que não poderia ser de outra forma, aconteceu com meu artigo em colaboração com a Dra. Marivânia Costa-Santos. Não se trata de um artigo original, como saiu referido, mas sim de uma atualização do tema.

Fui perguntado, também, sobre a razão da troca da cor azul pela vermelha nos frisos da capa e interior da revista. Não tenho uma resposta elaborada. Achei que era hora de mudar um pouco, saudar o começo do século XXI com algo diferente sem mexer substancialmente no visual. Mesmo não autorizado, faço uma analogia respeitosa à "trilogia das cores", da obra cinematográfica de Krzysztof Kieslowski: "A liberdade é azul", "A igualdade é branca" e "A fraternidade é vermelha". Estamos, portanto - na minha interpretação cromática das coisas -, no nosso momento fraternal. O que estabelece uma interface com o que passo a relatar.

Como todos sabem, tenho solicitado por cartas, editoriais, telefonemas e conversas de bastidor, que nossos colaboradores potenciais contribuam com os "Arquivos", submetendo seus dados, trabalhos e idéias de maneira mais assidua e sistemática.

Pois bem. É uma grata satisfação poder constatar que a quantidade de artigos submetidos e efetivamente publicados tem sido cada vez maior e sua qualidade cada vez melhor. Creio que estejamos atingindo nosso objetivo de priorizar os ABE&M como o principal veículo nacional para a submissão de nossa produção científica. Isto tem acontecido não em detrimento das intenções de publicar em revistas internacionais, de maior visibilidade e impacto científicos. Simplesmente, uma significativa parcela de pesquisadores tem optado pela via mais apropriada para divulgar seu material àqueles que mais objetivamente tem interesse e mesmo necessidade desta informação. Orgulho-me pela contribuição inicial que possa ter dado neste processo, mas quero ressaltar que a Comissão Editorial, o Conselho de Revisores, outros especialistas e consultores pessoais e, principalmente, os autores contribuintes, são verdadeiramente os grandes responsáveis pela ascensão da revista à posição em que hoje se encontra.

Nada mais natural, portanto, que retribuir diretamente aos autores que têm tornado este empreendimento um sucesso. É melancólico constatar que o nosso pesquisador trabalha por longos anos confinado ao seu pequeno laboratório, difícil e arduamente aparelhado, sobrevivendo de bolsas e salários virtualmente desprezíveis e em condições, a maioria das vezes, impróprias e inadequadas. Ainda assim consegue produzir e adicionar algumas valiosas linhas anuais ao seu curriculum. A relação custo:benefício é reconhecidamente desfavorável.

Muitos de nós já fomos - e alguns ainda o são -, grandes idealistas; sabem, portanto, do que estou falando. O jovem investigador ao qual me refiro, talvez até

Claudio E. Kater

Editor-chefe, ABE&M

pela sua juventude, ainda dispõe de ambição, energia e reserva de ideais suficientes para manter nossa média de produção intelectual viva e respeitada, mesmo nas condições adversas de trabalho em que muitos se encontram.

O que proponho a seguir não pretende cobrir falhas e resolver problemas conjunturais da política educacional e acadêmica terceiro-mundista, mas apenas incentivar estes jovens a manter acessa a invejável chama, trêmula que seja. Como dirigentes de nossa sociedade científica, estamos na posição fraternal de incentivo e reconhecimento pelo que fazem atualmente nossos jovens colegas.

Assim, com o aval e a chancela da Diretoria da SBEM e de respeitados colegas de nossa sociedade, especialmente consultados sobre o tema, propusemos a criação de uma premiação para o melhor trabalho científico publicado nos ABE&M, ao longo de um ano, por um jovem investigador da área clínica e da área básica.

Este prêmio dos ABE&M ao jovem autor, traz também embutida duas justas e longamente devidas homenagens: aos fundadores e primeiros editores dos "Arquivos": Prof. Waldemar Berardinelli (prêmio de melhor trabalho científico publicado nos Arquivos por um jovem autor na área clínica) e prêmio Prof. Thales Martins (seu correspondente na área básica).

Concorrem todos os artigos originais publicados na revista (em qualquer de suas edições normais e especiais) ao longo de um ano, iniciando-se em 2001, submetidos por um jovem investigador/autor (de até 41 anos incompletos por ocasião da submissão do trabalho) que manifeste, por escrito, seu desejo em concorrer.

Cada prêmio será constituído por um certificado concedido a todos os autores do trabalho e por uma quantia em espécie correspondente a R\$2.500,00 (dois mil e quinhentos reais), além da inscrição automática e gratuita do autor principal, no ano subsequente, no Congresso da SBEM (se ano par) ou no Congresso da SBD (se ano ímpar), com direito a apresentar seu material na programação científica. Ainda estudamos a possibilidade de custearmos passagem área e/ou estadia durante o evento (quando e se necessário).

Dada a instituição deste prêmio sem comunicação e divulgação prévias, e preferindo evitar o transcurso de algum período de carência, ele estará valendo retroativamente à partir do primeiro número de 2001, mesmo que não oficialmente inscrito, com o intuito de já aproveitar todo o material previamente submetido à revista e aguardando publicação. Informações mais detalhadas e o texto integral do regulamento serão distribuídos oportunamente.

Para analisar os artigos concorrentes estaremos selecionando uma comissão de 6 (seis) "experts", coordenados pelo Editor (com direito a voto de desempate), que não tenham participado, nem ao menos indiretamente, da preparação do trabalho. Daremos preferência a membros do Conselho Editorial da revista, em especial àqueles pesquisadores brasileiros que vivem no exterior e que não tenham, necessariamente, maior contato com os candidatos ao prêmio, atenuando possíveis influências pessoais naturais e inevitáveis.

O prêmio, de determinado ano, deverá ser anunciado nos ABE&M na edição de Fevereiro do ano seguinte e outorgado em Março, em reunião a ser programada para este fim.

É importante assinalar que os trabalhos submetidos que pretendam concorrer aos prêmios devem ser originais, não tendo sido submetidos ou publicados previamente em nenhuma outra revista nacional ou internacional, mesmo que em forma preliminar. Aceita-se, entretanto, que os dados do trabalho possam ter sido apresentados em algum congresso ou evento científico, regional, nacional ou internacional e publicados apenas sob a forma de resumo ou "abstract".

Ao homenagear nossos mestres e ídolos do passado pretendemos estar mantendo viva nossa história (mais uma vez abraço o ideário propugnado por Luiz César Póvoa), e ao incentivar nossos jovens colegas, acreditamos estar investindo no futuro e preservando nossa Sociedade.

Waldemar Berardinelli, na visão de colegas conhecedores da nossa história, é considerado o primeiro "endocrinologista" brasileiro. Clínico perspicaz, fez parte da fundação da SBEM em 1950 e foi o idealizador, fundador e primeiro editor dos "Arquivos Brasileiros de Endocrinologia e Metabologia", no ano seguinte. Thales Martins, também na expressão daqueles mesmos colegas, foi o pioneiro da "endocrinologia experimental" brasileira, tendo escrito, entre outros, o livro "Glândulas Sexuais e Hypophyse Anterior", considerado então por Houssay (prêmio Nobel de Medicina em 1947) e por Lipschultz, a obra mais importante à sua época sobre o tema. Foi também co-fundador e co-editor dos "Arquivos" durante os 5 primeiros anos de sua criação, trabalhando junto com Berardinelli. Curiosamente, Berardinelli nasceu em Jacareí, SP, mas fez sua vida acadêmica e científica no Rio de Janeiro nos anos 30-50, tendo falecido prematuramente em 1956 aos 53 anos. Já Thales Martins nasceu no Rio de Janeiro (1896), mas produziu seu maior volume de trabalhos à época em que viveu em São Paulo, nas décadas de 30 e 40. Ambos são merecedores de nossa tardia homenagem, pela outorga de seus nomes aos prêmios a serem concedidos aos melhores trabalhos na área clínica e básica, publicados na revista que ambos fundaram, e que neste ano de 2001 completa, para nossa satisfação, 50 anos. Não fosse a interrupção de sua publicação durante os difíceis anos de 1973 a 1978, estaríamos hoje no volume 50. Ficam, neste desfalque de 5 anos, nossa tristeza e pesar e nosso protesto pela insensibilidade daqueles que, na época, não permitiram a continuidade da revista, menosprezando por razões políticas ou de mera estupidez, o florescimento da pesquisa nacional, tolhendo iniciativas e desestimulando cérebros promissores. Neste período perdemos, naturalmente, a indexação da revista no Index Medicus.

No final de 1978, o resgate da revista do ostracismo, pelo saudoso Armando de Aguiar Pupo, foi o segundo e decisivo passo que permitiu, após árdua e sinuosa caminhada, estarmos agora neste patamar de qualidade e vislumbrando horizontes anda mais amplos.